

Onde estou agora?

Daniel Rangel
Curador e mestre em artes visuais pela ECA USP

o olhouvido ouvê
Décio Pignatari

Em 1956, em um manifesto, Augusto de Campos afirmou “poesia concreta: tensão de palavra-coisas no espaço-tempo”¹. O artista-poeta abordava a junção do caráter subjetivo da linguagem com a fisicalidade da representação desta e a união simultânea das dimensões espaciais e temporais em poemas visuais concretos. Em *Você está aqui* (1997), Tadeu Jungle levou essa definição às últimas consequências, incorporando ainda outras influências, como o *readymade* de Marcel Duchamp e um de seus desdobramentos dos anos 1960, a *pop art*.

Cineasta, fotógrafo, poeta e artista visual, Jungle tem a multidisciplinaridade intersemiótica e inquietude criativa como características centrais de sua produção e personalidade. O multiartista é herdeiro direto do trio *Noigandres*, de Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari; e de artistas plúris dos anos 1980 da cena paulistana, como Zé Celso Martinez Corrêa, Ivald Granato e José Roberto Aguilar, com os quais manteve intenso diálogo. Desde o começo de sua trajetória, vem explorando diferentes linguagens para se expressar, e realizou vídeos, em que além de dirigir, muitas vezes atuou; poemas visuais em distintos suportes, como pichações, adesivos e objetos poéticos, além de serigrafias, fotografias, pinturas e instalações cujas palavras e imagens se encontram com frequência.

A afirmação embutida em *Você está aqui* torna o leitor um cúmplice invariavelmente consciente do significado da frase. No ato da fruição ativa-se uma auto-percepção do aqui e do agora, um dos preceitos do budismo, que fez com que o autor denominasse-o de “poema zen”. O sentimento é amplificado pela potência visual das instalações realizadas por Jungle com o poema, desde o final dos anos 1990. O trabalho, no entanto, apareceu para o artista ainda em 1981, quando em uma “viagem mochileira” pela Europa, ao tentar se localizar em um mapa de uma estação de trem, percebeu a falta da clássica inscrição do “você está aqui”. O adesivo da frase havia descolado e estava caído na moldura de vidro do mapa, tornando impossível a identificação do local onde ele realmente se encontrava naquele momento. A ideia ficou guardada em anotações de cadernos, e em 1997, em um ato *duchampiano*, o artista se apropriou do seu “achado perdido” e o deslocou como obra de arte em uma exposição na galeria Valu Oria, em São Paulo.

O primeiro suporte que utilizou para formalizar o *Você está aqui* foi o adesivo (“*sticker*”), o qual já havia experimentado em poemas visuais anteriores, como os provocativos *Fure Fila* (1978) e *Passe a mão* (1979), que então o artista chamara de “*plastic graffiti*”. Depois vieram camisetas, copos de vidro, relógios de mesa, caixas de fósforo, plotagens, pinturas, um painel de *led* no Vale do Anhangabaú, e até mesmo adesivos em inglês – “*You are here*”, que Jungle espalhou pelo mundo

¹ Publicado originalmente na revista *ad – arquitetura e decoração*, n. 20, São Paulo, nov./dez. 1956; republicado no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 abr. 1957; e na coletânea de textos críticos e ensaios *Teoria da poesia concreta*, cuja primeira edição foi publicada pelas Edições Invenção, em 1965.

durante suas recorrentes viagens. A potência semântico-visual obtida pela presença física e significativa da arte minimalista composta por letras brancas em fundo vermelho de *Você está aqui* tornou-se uma espécie de logomarca *pop* sem marca.

Em 2013, na exposição que realizou no Oi Futuro do Rio de Janeiro, Jungle montou uma verdadeira ocupação espacial com o *Você está aqui*, que foi colado em dezenas de degraus da escada do local, além de paredes e janelas. Antes disso, na mesma cidade, o artista realizou uma “performance aérea” na qual se apropriou de um avião de publicidade com uma faixa vermelha afixada e as palavras do poema escritas horizontalmente em branco, para sobrevoar a orla da zona sul carioca. Até então, este tinha sido o maior formato que o poema havia sido exibido. A plotagem agora montada no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, com 30 metros de altura e 18,4 metros de base, extrapolou todas as versões anteriores, e provavelmente é o maior poema visual já apresentado no Brasil com 552m². A área corresponde a mais de uma dezena de estúdios residenciais, destes vendidos no centro da cidade, e desde que o projeto foi idealizado por Jungle e apresentado para a instituição, demorou mais de três anos para ser concretizado.

A dimensão descomunal da instalação, que pode ser vista a quilômetros de distância, e provavelmente até mesmo do céu, causa um impacto inerente ao ambiente e aos transeuntes do seu entorno. Além da necessária mensagem *zen* exibida, em meio ao caos da *urbis*, o poema chama atenção para o local onde está instalado – o MAC USP. O prédio ainda é lembrado e percebido por muitos como sede do DETRAN, porém a obra instalada na fachada cega do edifício de Oscar Niemeyer deve criar uma “tensão de palavras-coisa no espaço-tempo” e fazer com que as pessoas se perguntem: onde estou agora? A resposta virá como um poema visual concreto: objetivo, impactante e direto – você está aqui.